



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O Anão Sabichão em Sintra

COMO devem estar lembrados, tinha prometido aos meus amiguinhos contar-lhes o que se passara na tal passeiata, em que saí de Lisboa, num magnífico aeroplano. Não podia ser melhor, cortava o ar como uma seta!

Perto das nuvens, parece-me que estou no meu reino, porque, o que avisto cá em baixo, é tão pequenino, tão pequenino, como se fôsse uma paisagem dedicada à minha pessoa! Mas, aqui muito em segredo, para quem estava habituado ao avião sem motor — esplêndida máquina que eu inventei — aquele ze-ze-ze de atardoar, fazia-me bastante confusão! A mim e aos passarinhos que, assustados, fugiam! E, esta idéa de que

eu era o papão dos pássaros, dava-me um certo desgosto!

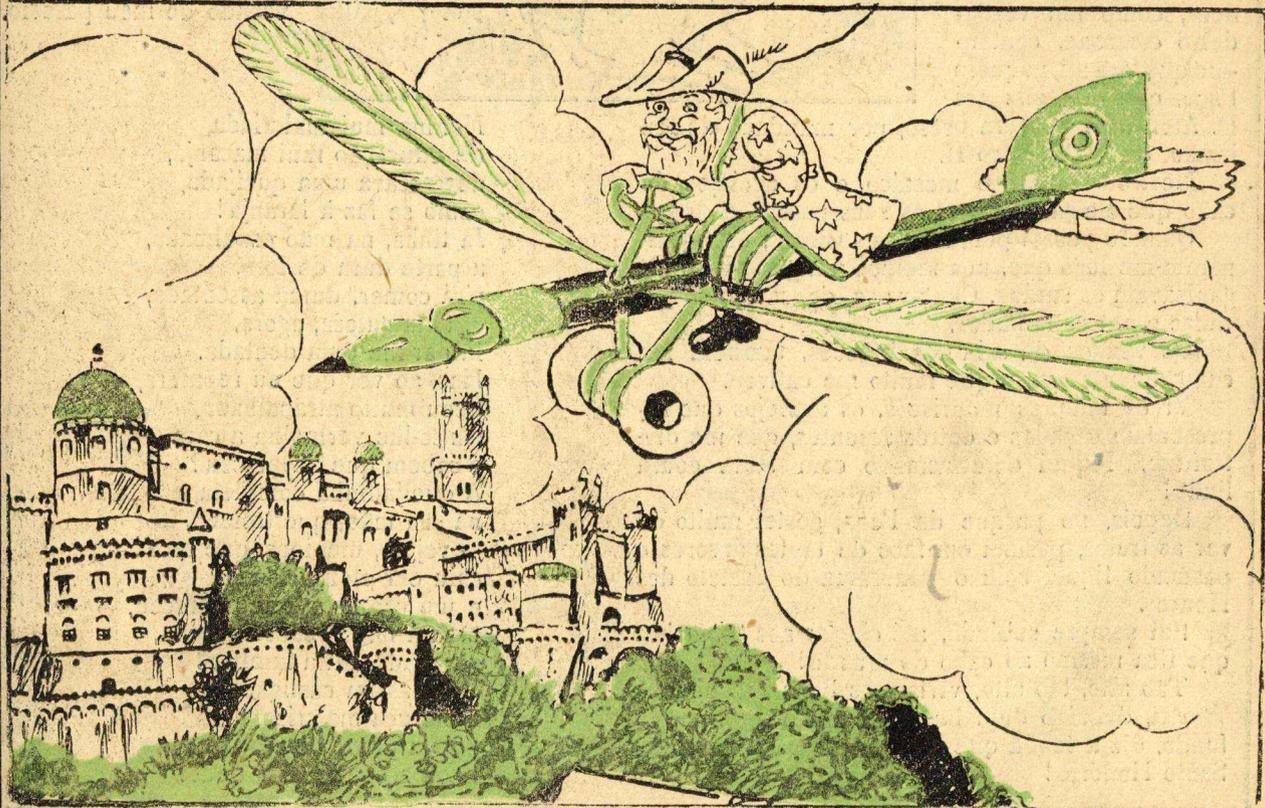
Por mais que os chamasse e lhes dissesse que os aeroplanos não lhes faziam mal nenhum eles não queriam acreditar!

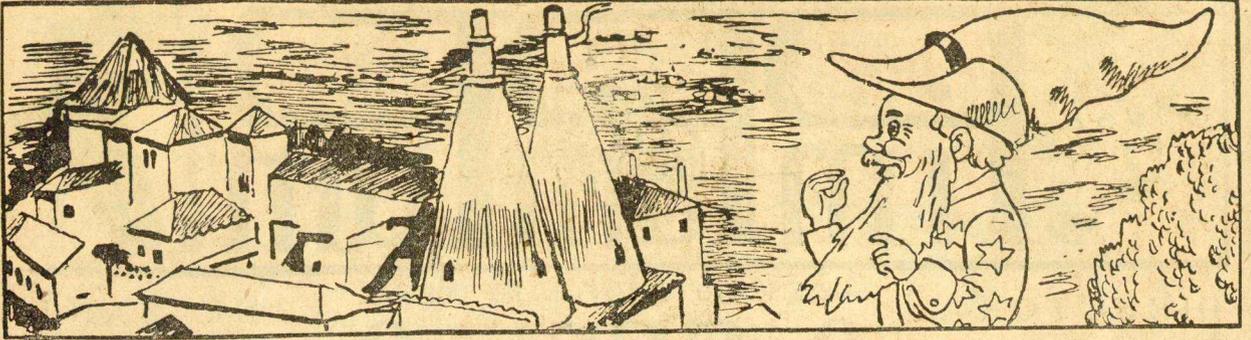
Mas aposto que vocês, que me leem, muito teriam apreciado estar no meu lugar!...

E, agora reparo, não andei nada bem, em não vos ter convidado para me fazerem companhia.

Para mim, seria um grande alegrão dar este passeio com os meus meninos, mas eles são tantos e o aeroplano era só um!...

Pois, como ia dizendo, num instante, cheguei a Sintra, a linda terra tão cantada por portugueses e estrangeiros. Nunca, na minha longa vida, vi





paisagem assim! Tudo me encantava e logo me deu na vista aquele Paço, com tantas chaminés de vários tamanhos e feitios, algumas de bicos tão esquisitos, como o meu barretinho! Lembrei-me de cair, por uma delas abaixo.

Vocês não calculam como a bicharia, que estava pintada nos tetos e nas paredes, se assustou! O caso não era para tanto susto, e eu tratei logo de os tranquilizar, explicando-lhes qual era o motivo porque ali caíra. Tinha, simplesmente, grande desejo de visitar o Paço, onde os reis de Portugal vinham passar temporadas. Então todos os bichos, muito amáveis, quiseram fazer as honras da casa.

Na sala das Pêgas, uma delas muito palradora, como um verdadeiro cicerone, contou-me que fôra ali, naquele Paço, que o infeliz rei D. Afonso VI estivera prêso, por mandado de seu irmão, o rei D. Pedro II.

Mostrou-me até o mosaico e os azulejos do chão que êle gastara com os seus passos.

Quando passei pela sala dos Cisnes, êles granaram-me logo que, nos tempos antigos, ali se organizavam os saráus. Cantava-se, dansavam-se pavanas e outros bailados.

Os veados, da sala dos braços, também me cumprimentavam, o que muito me cativou.

Vi os tanques mouriscos, os azulejos que representam caçadas e outros assuntos, que me distraíram. Fiquei entusiasmado com tanta coisa linda!

Depois, no parque da Pena, gostei muito de ver as frutas, pasmei em face de tantas árvores e pasmado fiquei com o panorama do Castelo dos Mouros.

Fui sempre subindo, até chegar aos Capuchos que fica mesmo ao cabo do mundo!

Tão alto, tão alto, viviam os bons fradinhos!

Ali, debaixo dum buraco muito negro, muito fundo, diz a lenda que viveu, durante trinta anos, Santo Honório!



E essa cova é tão pequenina, tão baixinha que mais parece ter sido feita para um anão que para um frade!

Mas os anões não têm aquela idéa de se enterrar; gostam de viver ao ar livre, brincar, saltar e conversar com os meus meninos, como eu o estou fazendo!

A Peninha é outro sítio altíssimo, como um trono de pedra, donde se avista uma imensidade de mar, céu e casaria. Quando o sol já ia fazer «ó ó» atrás do mar, vi que eram horas de recolher. Mas não podia sair de Sintra sem provar as célebres queijadas.

A' porta da lojaça, onde as ia comprar, aconteceu um caso que foi o ponto final divertido do meu passeio.

*
*
*

Menina mui malcriada,
de educação mui macanja,
descascava uma queijada,
como se faz à laranja!
Já tinha, na mão espalmada,
a parte dura de fora,
p'rá comer, duma assentada,
e, tôda gulosa, agora,
ia dar-lhe uma dentada.
Mas, ao ver que eu reparara,
ficou muito atrapalhada,
fez-se-lhe vermelha a cara,
e sabem que aconteceu?
A queijadinha completa,
na sua mão, que tremeu,
— vejam, meninos, que seca! —
caiu em plena calçada
e um cãozinho que apareceu,
tôda a massa esborrachada,
num rufo, ali a lambeu!
E foi assim castigada
a criança malcriada,
pois a olhar para o lajedo,
ficou a chuchar no dedo!



Por
ZÉ D'ALDEIA

Menino Lulú,
criança azougada,
abriu o baú,
foi à marmelada.

Por isso o papá
pregou no Lulú
açóites: — «Ta-tá»...
lá no seu «Tu-tu».

O Lulú chorou,
chorou que fez dó.
E um galo cantou:
— «Có-có-qui-ri-có!»...

Vem o Piriláu,
por êle se roça
e faz: — «rinhánháu»
num miar de troça.

Também, no quintal,
um gordo perú,
faz grande estendal:
— «Glú-glú-glú-glú-glú!»

Até, no chiqueiro,
o porco Nipón,
pós-se num berreiro,
a rir: — «Hon-hon-hon!»



Um pato a nadar
que em seu lago está,
ouvindo-o chorar,
faz: — «Cuá-cuá-cuá!»

O burro a zurrar,
com arte e com geito,
parece exclamar:
— «Bem feito, bem feito!»

Também um pardal,
com ar de judeu,
solta do beiral,
o seu «Xéu, xéu, xéu!»...

Até as galinhas
a cacarejar,
suam estopinhas:
— «Có-có!» a ralhar.

Vem o cão «Lirú»
muito surrateiro
e ladra ao Lulú:
— «Áo, ão!» chinfrineiro.

Diz o papagaio
com riso velhaco:
— «levaste um ensaio
para o teu tabaco!»

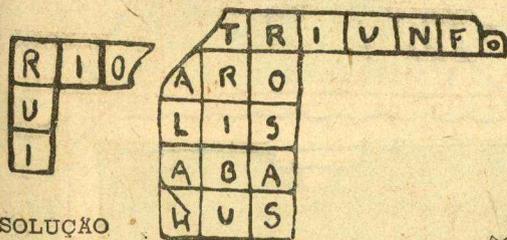
E o pobre Lulú,
refeito do medo,
junto do baú
chupando no dedo,
com muito regalo,
repete em tom cru:
— «Deixá-lo, deixá-lo...
Não volto ao baú!»

F I M

PALAVRAS CRUZADAS

Colaboração infantil

Desenho do menino A. Taborda



SOLUÇÃO
DO
PROBLE-
MA
ANTERIOR



○ «ardina»

○ «limpa-chaminés»

○ «cola-cartazes»

O DESTINO

Por GRACIETTE BRANCO
Desenhos de A. CASTANÉ

(Continuação do número anterior)

A estação do Rossio, cujo movimento assusta os tímidos provincianos, deixou, na alma de Fernando, uma impressão de atordamento mas de agradável novidade.

A cada passo os seus olhos se abriam para novos horisontes e uma sensação de reviver fazia-o sorrir, caminhando, apressadamente, embrenhando-se na multidão, para vencer uns longes de timidez que, de espaço a espaço, o assaltavam.

Poucos passos dados, logo o primo Gonçalves surgiu, de braços abertos, rosto, expressivo e franco, de quem sente na vida um sonho realizado.

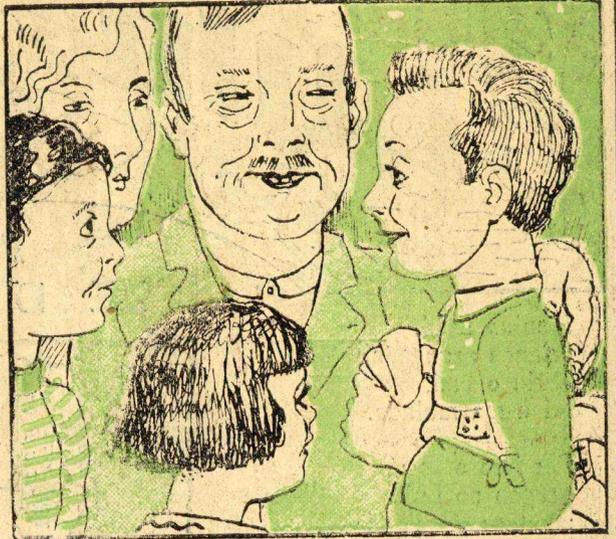
Saíra êle, também, de Buarcos, há largos anos com o ideal duma vida burgueza, em Lisboa, de negócio feliz a um balcão que fosse seu.

Montando, primeiro, uma tenda, mais tarde um armazem, em concorrida rua, dentro em pouco, a sorte o bafejou, lançando-lhe, nas gavetas, diariamente, fartos recursos, que se propagaram, na calma ridente do seu lar, em alguns cristais sobre a toalha branca da mesa, em dois sofás na saleta e num esplêndido guarda-fato, de porta de espelho, — sonho dourado do merceeiro e de sua mulher.

A vida do casal Gonçalves era modelar, iluminada pela alegria de duas crianças, um rapaz e uma rapariga, êle de treze, ela de oito anos.

Fernando não conhecia êstes primos que tinham nascido em Lisboa e nunca haviam visitado Buarcos, o berço natal de seu Pai.

Para a recepção de Fernando tinha a boa senhora Ermelinda Gonçalves comprado dois braços de rosas,



na Praça da Figueira, que a pequena Celeste dispusera em jarras, talvez em demasiada profusão, na modesta salinha de jantar e sobre a banca de cabeceira do quarto destinado ao rapaz.

O pequeno Henrique, alegre com a perspectiva dum novo companheiro, esperava, ansiosamente, a hora do regresso do Pai. Em toda a casa, pois, reinava a alegria, prova de que a boa estrela de Fernando, não desmaiava no céu da sua vida.

— «Oh Henrique! — (preguntou, da janela onde estava empoleirada, a pequena Celeste) o primo Fernando sabe lêr como nós?»

— «Não sei, mas naturalmente não sabe nada, pois os pescadores, muitas vezes, não mandam os filhos à Escola, porque pensam que apenas lhes basta saber lançar as redes.»

— «Vocês são uns patetas! — acudiu lá do canto, bondosamente, a senhora Ermelinda.»

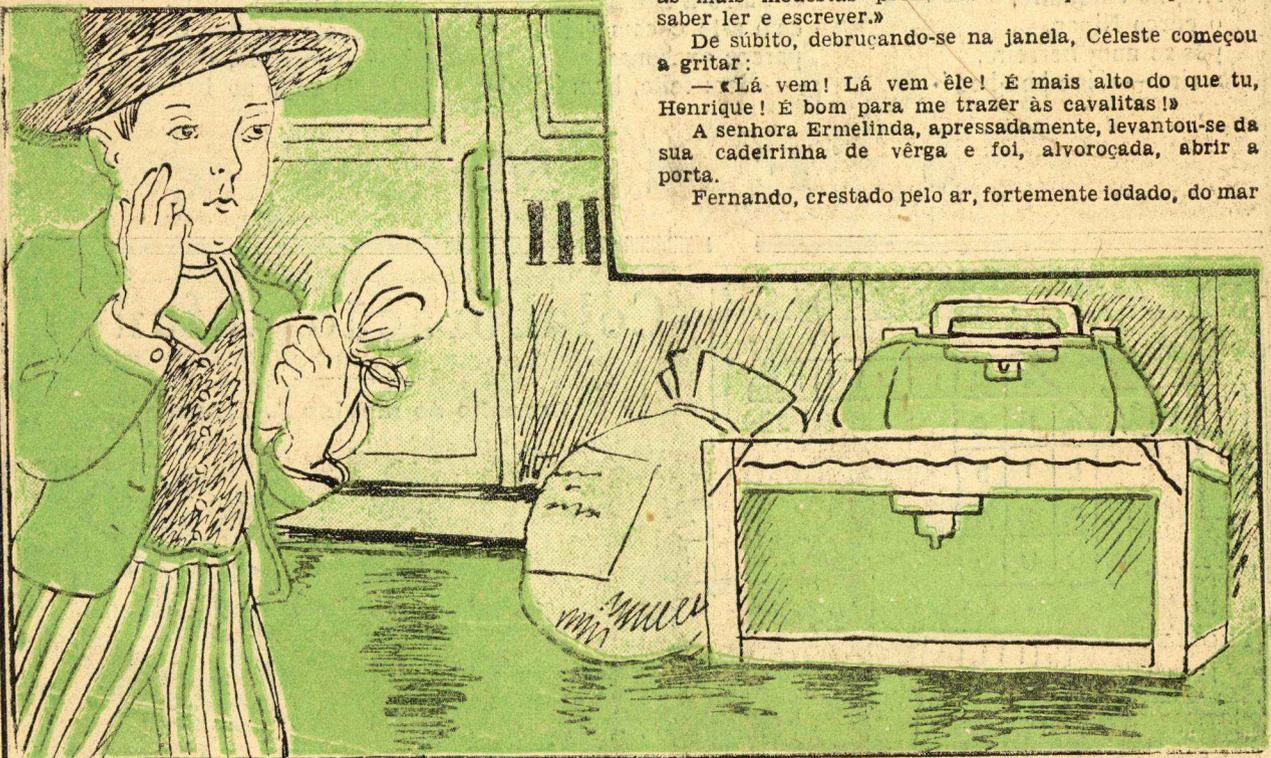
Então, se não soubesse ler, escrever e contar, como queriam vocês que o Pai o puzesse ao balcão?! Para as mais modestas profissões é sempre indispensável saber ler e escrever.»

De súbito, debruçando-se na janela, Celeste começou a gritar:

— «Lá vem! Lá vem êle! É mais alto do que tu, Henrique! É bom para me trazer às cavalitas!»

A senhora Ermelinda, apressadamente, levantou-se da sua cadeirinha de vêrga e foi, alvoroçada, abrir a porta.

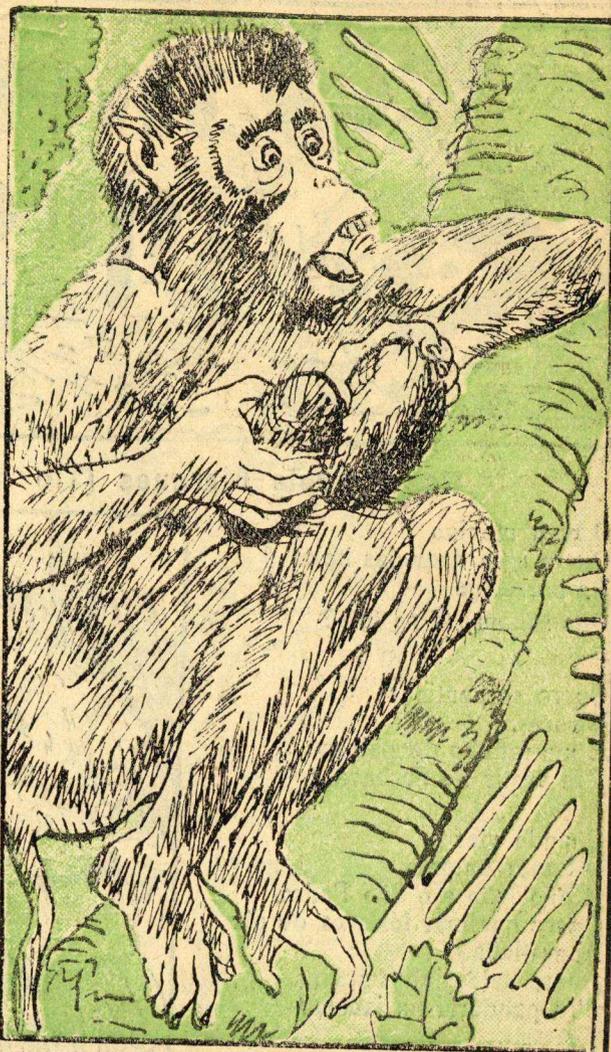
Fernando, crestado pelo ar, fortemente iodado, do mar



PRIMO CÔTO & COMPANHIA

LENDA SUL-AMERICANA

Por LEONOR DE CAMDOS
Desenhos de A. CASTAÑÉ



DOM Maquisapa, mais conhecido pelo macaco-aranha, acordou cedinho e de bom humor. Espreguiçou-se, esfregou o nariz e, depois de três saltos e quatro cabriolas, resolveu partir para o trabalho.

O trabalho de Maquisapa, como de resto, o de todo e qualquer macaco consiste, em procurar bananas, nózes, côcos e outros frutos para petiscar.

Ora pois: Dom Maquisapa farejou para um e outro lado e pareceu-lhe que das bandas da Floresta Verde vinha um cheirinho a côco, de regalar!...

Para nós, bichos humanos — salvo seja! — tanto faz estar perto de coqueiro, como de nogueira ou seringueira: o cheiro é o mesmo, pouco mais ou menos.

Mas para um macaco é diferente. O maroto distingue-as... mesmo de bem longe!...

Porisso o Maquisapa se pôs a saltar rapidamente de ramo para ramo, de árvore para árvore, em direcção à Floresta Verde. Ia contente da sua vida. E de repente, em frente do seu nariz, surgiu o que procurava: um enorme coqueiro, carregadinho de belos côcos.

«Oh que rico almocinho vou ter!... — Exclamou entusiasmado.

Palavras não eram ditas quando um uivo prolongado, logo seguido de outros uivos, num concerto impressionante, se fez ouvir. Dom Maquisapa só pensou em se esconder. Encolheu-se o mais possível entre as folhas do coqueiro. E a tremer, murmurava:

«Ai, meu pai!... O que será isto? Será revolução?

De súbito cessou o barulho. Dom Maquisapa decidiu-se então a deitar a cabeça fóra do esconderijo. E — que felicidade! — quem ha-de êle enxergar, a dois saltos dali? O seu primo Côtô Barbubo que, com a família atrás, saltava também de árvore em árvore, procurando o almôço.

«Eh lá, primo Côtô — gritou Dom Maquisapa, ainda a tremelcar — vem para aqui, por favor!...»

Primo Côtô veio logo. E ao vêr o focinho aflito do outro, indagou:

«Que tens tu, primo Maquisapa? Estás doente?»

«Não, primo. Apenas assustado! Não ouviste há pouco aquela trovoada? Caspitê!... julguei que era o fim do mundo!...»

«Qual trovoada?» — perguntou, admirado o Côtô.

«Agora mesmo! Uns uivos... uns ladridos... capazes de assustar um regimento de tigres!...»

O Côtô deu uma gargalhada:

«Essa é boa!... Então foi só por isso que te assustaste?»

«E achas pouco?»

«Pouquíssimo, querido primo! Imaginas, porventura, quem eram os autores daquêle lindo concertô? Nós, primo Maquisapa, nós: O teu primo Côtô e tôda a sua família...»

«Ora, ora! — respondeu, incrédulo, o Maquisapa. — Não acredito!...»

«Ah não? Pois vais vêr!...»

E a um sinal do Côtô, tôda a macacaria repetiu o côro formidável que tanto assustara o Maquisapa.

«Acreditas agora?» — perguntou o Côtô.

«Apre! — gritou o outro, apenas pôde falar. — Que riquíssimas guéias!...»

Deixa estar que nas eleições para deputado hei-de votar em ti!... E eu que julgava que o barulho era

surgiu, na moldura da porta, meio risonho, meio sério, cómovido pelo ambiente simpático que nascia, em sua volta, olhos perscrutadores, beliscando todos os rostos, o chapéu na mão e um nózinho a apertar-se, pequenino, na garganta...

Mas o senhor Gonçalves pôs todos à vontade...

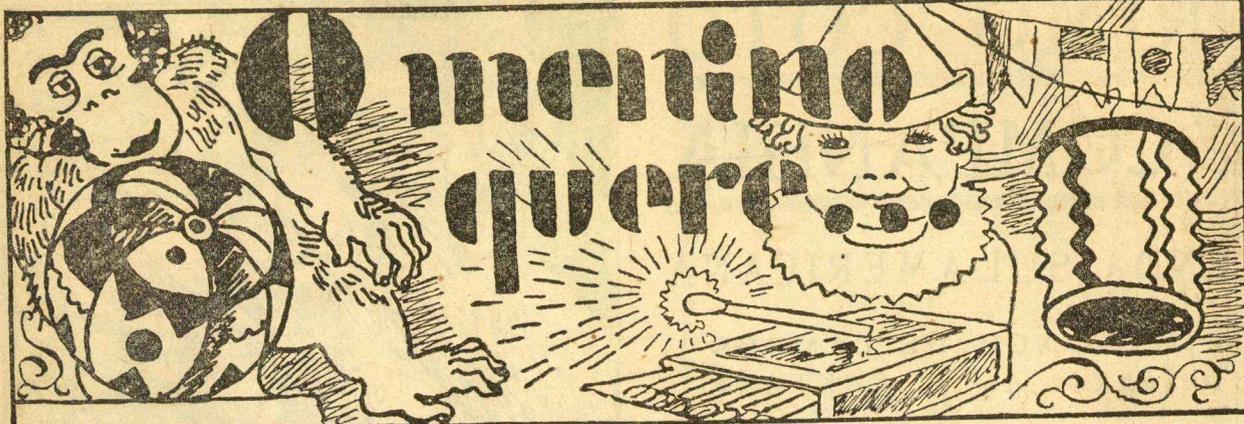
«Ora cá está o nosso homem, Ermelinda. Desempenado e forte, hein? Fala à prima, rapaz. Estes são os teus dois primos, a Celeste e o Henrique. Não se devem dar mal. Não é por serem meus filhos mas são asiçados e de bom fundo. Celeste, leva êste saco de roupa para o quarto de Fernando e vamos jantar que estou com uma fome danada.»

Todas estas rápidas cenas se gravaram no espírito emotivo de Fernando, a largos traços.

Sentia uma grande alegria invadi-lo, ao contacto do lar que iria ser o seu, e que se lhe revelava tam acolhedor, tam simpático.

Apenas o tal nó lhe crescia na garganta, não de tristeza mas de saudade: de saudade pela alma que tam tardiamente se lhe revelara, a alma cheia de sonho, como a sua, mas já irremediavelmente dobrada pela mão do Destino; da alma que o amava e o compreendia; que o seguia de longe; que o não perdia de vista: — a alma de seus pais!

(Continua no próximo número)



Por Correia Marques (Tio Zé) — Desenhos de A. Castañé

O meu menino
Quere uma daquelas bolas
De borracha
Que saltam até ao teto?

Quere serpentinas
E rocas,
E um fatinho de palhaço
P'ra vestir no Carnaval?

Quando vier
O Santo António,
O São João e o São Pedro,
Quere queimar fósforos de côr
A' noitinha?
Quere balõesinhos acêsos
P'ra pendurar na janela?

E pelo Natal!
Quere um pinheiro



Iluminado,
Carregado
De brinquedos,
— Ursos, comboios, soldados?
Quere o menino,
Que o velhinho,
Das barbas alvadias,
Venha pela chaminé
Pôr-lhe no sapatinho
Um chimpanzé?

Eu dou-lhe tudo, amiguinho,
Mas... com esta condição:
De ter muito juizinho
E de dar ao tio Zé
Um grande xi...i...i... coração!

■ F I M ■

produzido por cem onças, duzentos jaguares, trezentos javalis, quatrocentos...

...Alto! Alto! Não fales mais que secas a boca!...»
— Interrompeu o Côto.

O Maquisapa calou-se. Mas, daí a pouco, depois dum momento de indecisão, perguntou:

«Olha lá, meu primo! Para que fazem vocês êsse barulho todo?»

O Côto fez uma careta de desagrado e respondeu:

«Escuta, primo. És muito ignorante e porisso te desculpo a má criação. Então tu chamas *barulho* ao nosso concerto? *Barulho!!!*... Tu não vês, meu parvinho, que se trata dum orfeão e por sinal bem afinadinho? Todas as manhãs, ao levantarmo-nos, nós erguemos êste hino de louvôr à mãe Natureza. E tu chamas ao nosso hino um barulho!...»

«Desculpa, meu primo— respondeu o Maquisapa, con-

trito.— Não queria ofender-te. E como próva da grande estima e consideração que te consagro, ofereço-te, para repartires com a família, os melhores côcos que puderes encontrar nesta árvore, de que há pouco tomei posse!...»

O Côto fingiu-se muito reconhecido pela oferta do primo e agradeceu:

«Obrigadinho, mas não aceito tudo!»

Em seguida escolheu os dois maiores côcos da árvore, colheu-os e entregou-os ao Maquisapa:

«Êstes são para ti. Nós contentar-nos-emos com os outros...»

Dom Maquisapa aceitou. E debruçando-se, preparava-se para atirar ao chão os côcos, na intenção de os partir, quando o Côto lhe gritou:

«Alto, meu primo! Que vais fazer? Não sabes que partindo os côcos dessa forma, se perde muito bom lei-



(Continua na página 8)

Charadas em frase PARA OS MENINOS COLORIREM

Este homem sorteia os seus haveres com sofrimento como um vulgar bato-teiro 2-1.

Aquela varina, com sua canastra, sorteia o seu peixe no meio da barafunda 2-2.

Aquele monarca governa todo o tempo como pessoa bem disposta 2-2.

O meu patrão está em casa a afiar no rebôlo um canivete. 2-1

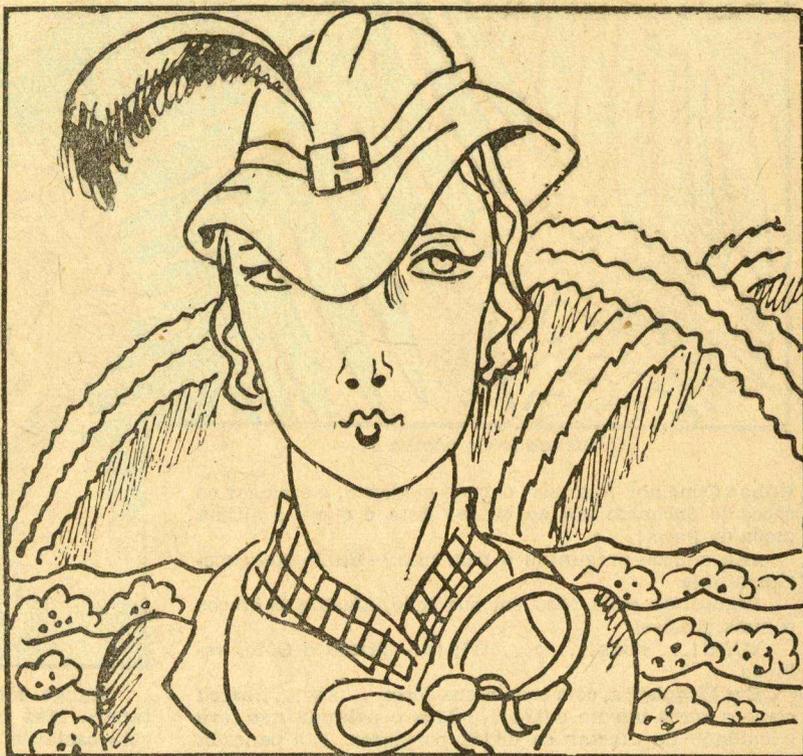
Em presença de o rei dum país do Oriente observei o romper da manhã. 2-3

O primeiro numero é divisível por dois, o que não acontece ao que lhe está junto. 1-2

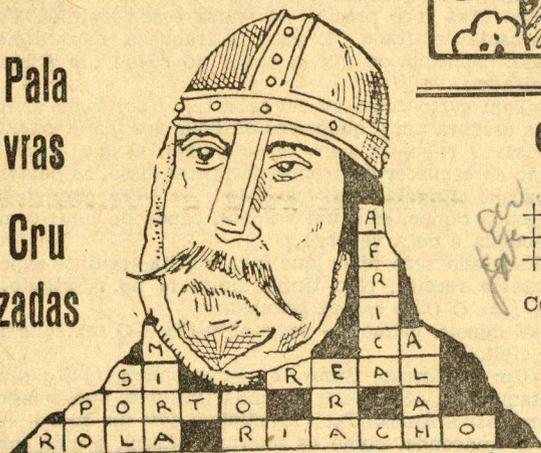
Esta maquina aqui, serve de armadilha. 3-1

Aquele homem permanece em qualquer espaço fechado com estacas. 2-2

Vi um homem robusto dar com a cabeça na parede com força. 2-2



**Pala
vras
Cru
zadas**



Solução do problema anterior

E. M. TAVARES
DEIAS 434

Charadas combinadas

- | | | |
|----------------------|-------------------------|-----------------|
| + ca — Recinto | + to — Animal doméstico | + pa — Agasalho |
| + la — Pano de navio | + la — Escritor francês | + pa — Vazinha |
| + ula — Prisão | + zá — Peça teatral | + que — Alvaro |

Conceito : — Bebiã Conceito : — Bebida Conceito : — Bebida

Charadas aumentativas

Esta arca pode servir até de ataúde. 2

A máquina para limpar da vasa o fundo dos rios e lagos é movida por um soldado de cavalaria. 2

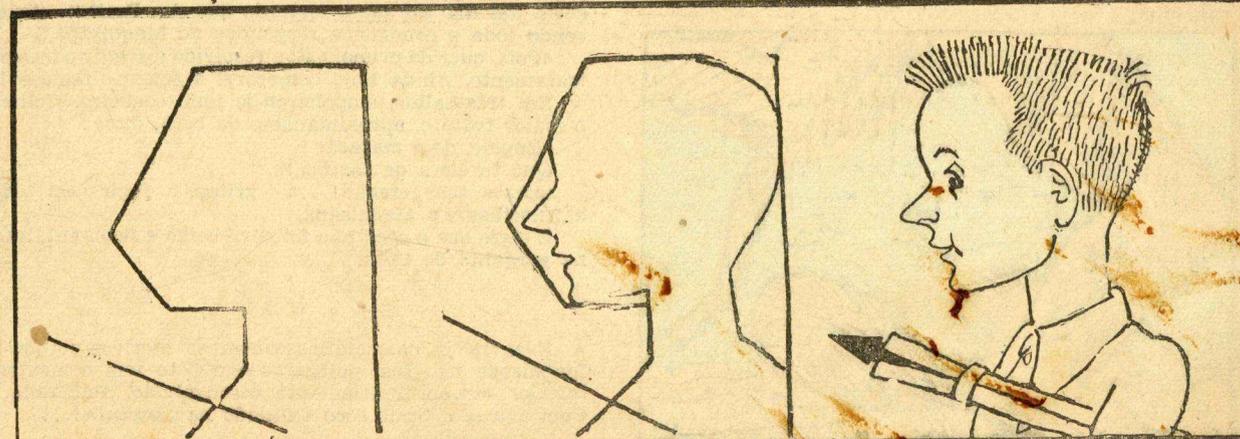
Charadas duplas

Aquele mulato tornou-se iracundo. 2

A mulher cristã escarnece da mulher judaica. 3

Rei do Sébo

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



omo se desenha o Pim



(Continuado da página 6)

tinho? O melhor processo, o mais moderno, é esmagar os côcos de encontro um ao outro! Esta é que é a última moda de Paris!...

«Ah sim? — perguntou o parvinho. — Então vou experimentar!»

Segurando cada côco em sua mão, afastou os braços o mais possível.

«Uma!... duas!... e... três!» — gritou o Coto, velhaco.

E o Maquisapa, com toda a sua força... zás!... bateu com os côcos um no outro!... Mas o palerma não teve o cuidado de afastar os dedos polegares. E a pancada foi tam forte que lhos esmagou. Desesperado, cheio de dores, o pobre Maquisapa rebolou para o chão, a gritar, enquanto o mau Coto se afastava a rir, seguido pela família.

* * *

Amigo Maquisapa jurou vingar-se. Daí a tempos, curado já dos ferimentos, embora sem polegares, foi procurar o primo Coto. Encontrou-o, ao cabo dalgumas horas, muito atarefado, a descascar e comer bananas.

«Viva!... — saudou o Coto, assim que viu o primo. — Então como tens passado? Estás melhorsinho dos teus dedinhos?...

O Maquisapa, diante do cinismo do primo enguliu em seco. Mas logo, aparentando boa disposição, respondeu:

«Ora, primo Coto, estou ótimo! Desde que me sucedeu aquele desastre, cresci e engordei. Parece que os dedos que esmaguei me impediam o desenvolvimento! Ah! Mas agora sinto-me outro! Verdade seja que para isso tem concorrido imenso a casca do côco!...»

«A casca do côco?!...» — perguntou, surpreendido, o Coto. «Sim, primo! Eu te conto:

«Quando há dias esmaguei os dedos, fui consultar o sábio doutor Tapir. Depois do curativo o doutor auscultou-me, viu-me a língua, tomou o pulso e por fim concluiu:



«Amigo Maquisapa. Isso dos dedos não tem importância. Mas você precisa de tratar esse corpinho. Você está bastante fraco. E para a fraqueza não conheço melhor remédio do que a casca do côco!...» Olhei-o, admirado:

«Tam certo como eu ser sábio!... Você todas as manhãs procura um coqueiro, escolhe um dos maiores frutos e — zás!... engole-o, com casca e tudo. O que é preciso é não se esquecer de pronunciar antes disso, as palavras mágicas: «Engole, dom macacão!...» Verá que, ao fim de pouco tempo, está um valente, capaz de lutar com a Anaconda e de a vencer!

Escusado será dizer que logo no dia seguinte experimentei a receita. Não tinha muita fé no resultado... mas...». O Coto estava pasmado.

«E depois, primo? — perguntou ele. — O remédio surtiu efeito?»

«Um efeitoirão, como vês — respondeu, muito sério, o Maquisapa. — Sinto-me mesmo tam forte, que, se agora aparecesse a Anaconda... desfazia-a com um sópro!...».

(A Anaconda, como os meninos sabem, é uma cobra enorme, que chega a medir quinze metros. Habita nas águas do Amazonas, o maior rio do mundo, que atravessa o Peru e o Brasil e deságua no Atlântico. A anaconda alimenta-se principalmente de mamíferos, que, em geral, engole inteirinhos).

Ora o Coto, que tinha à Anaconda um medo que se pelava, ficou todo entusiasmado com a ideia de que poderia um dia ser mais forte do que ela. Porisso, esquecendo toda a prudencia, respondeu ao Maquisapa:

«Pois, querido primo, estou resolvido a seguir o mesmo tratamento. Ainda hoje começarei a tomar o remédio!»

Em três saltos, empoleirou-se num coqueiro. Colheu o maior fruto e, aproximando-o da boca, disse:

«Engole, dom macacão!
Que te sirva de castigo,
mais à tua geração!...» — gritou, a fugir com toda a velocidade, o Maquisapa.

E claro que o côco não foi para baixo e ficou entalado na garganta do Coto.

* * *

E agora já os meninos sabem os motivos porque o Maquisapa não tem polegares e o Coto tem o maxilar inferior extraordinariamente desenvolvido. Pudéra!... Com aquele enorme côco entalado na garganta!...

FIM